



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica

AUTORIDADE: UM DESAFIO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO ¹

The Sense of Authority: A Contemporary Challenge

Luiz Felipe Vieira Amaral², Vânia Lisa Fischer Cossetin³

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida junto ao Departamento de Humanidade e Educação da UNIJUI.

² Aluno do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PROBIC/ FAPERGS, luiz.amaral@sou.unijui.edu.br

³ Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação, Orientadora, vania.cossetin@unijui.edu.br

RESUMO

As relações contemporâneas apresentam novas formas de estar no mundo, frequentemente desprendidas do patrimônio histórico. Isso tem levado as narrativas atuais a sinalizarem para um distanciamento da transmissão simbólica, cuja finalidade é sustentar o passado e assegurar o lugar da autoridade na acolhida dos novos. O lastro da autoridade organiza os sujeitos e marca simbolicamente o lugar dos educadores. Nesta perspectiva, o presente trabalho busca identificar e refletir sobre o lugar da autoridade no mundo contemporâneo e seus efeitos nas relações intergeracionais. Inicialmente, é apresentado o discurso familiar e as fraturas que têm sofrido e, por esta razão, impedindo que os pais recorram à tradição, esvaziando o passado de referências. Este imbróglio fragiliza a transmissão e desampara os recém-chegados. Em segundo lugar, aborda-se a autoridade e o seu deslocamento na atualidade.

Palavras-chave: Autoridade. Educação. Passado. Transmissão. Contemporâneo

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao Projeto de Pesquisa “Educabilidade, moralidade e justificação: perspectivas éticas sobre a formação humana”. Seu objetivo é problematizar o conceito de autoridade nas relações contemporâneas, uma vez que os adultos estão retraindo-se simbolicamente de seus lugares. Esta omissão tem desafiado diferentes setores educativos, tais como a família, a escola e os responsáveis pela educação de crianças e adolescentes.

Gurski (2008), menciona em seus trabalhos uma pesquisa detalhada da precarização da autoridade adulta no campo educativo. Segundo ela, essa nebulosidade atravessa quadros importantes, responsáveis pela manutenção do coletivo e dos dispositivos sociais. Neste sentido, a família é um ponto de continuidade e origem, pois é neste ambiente que a criança busca artefatos simbólicos para construir sua história. Ocorre que, atualmente, o discurso



familiar não tem produzido efeitos, nem transmitido experiências, razão pela qual convém questionarmos as formas de educação e de autoridade no mundo contemporâneo.

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter bibliográfico, com aporte crítico-hermenêutico no que se refere à leitura, interpretação e sistematização dos textos. Teoricamente, a pesquisa se ancora em autores da tradição filosófica e no discurso psicanalítico de base freudo-lacaniano. Os esforços compreensivos aqui empreendidos se deram a partir de leituras de textos pertinentes ao tema, sempre no intuito de identificar e refletir sobre as possíveis contribuições da filosofia e da teoria psicanalítica para pensar os problemas educacionais. Problemas, estes, relativos ao exercício da autoridade e da transmissão adulta na acolhida e introdução dos novos na cultura. Neste texto, em especial, buscou-se trabalhar os impasses da autoridade no discurso contemporâneo e seus efeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educar é uma tarefa constituinte, no sentido de que os pais transmitem seus ensinamentos e asseguram aos filhos um projeto de mundo. Essa dimensão formativa é geradora de lembranças e norteadora cultural. Ou seja, é daí que o sujeito emerge e constrói novos sentidos para a vida coletiva.

Nessa dimensão, é elementar que cada herdeiro possa renovar os votos de estabilidade e produzir novas significações de mundo. E uma vez dadas essas condições estáveis, o sentimento de autoridade se faz presente. Segundo Arendt (2009, p. 131) "A Autoridade, assentando-se sobre um alicerce no passado com sua inabalada pedra angular, deu ao mundo a permanência e a durabilidade de que os seres humanos necessitam por serem mortais". Essas referências históricas são bases simbólicas e estáveis que permitem o despertar da filiação e do pertencimento.

Esse período de experiências sólidas e de continuidade é operado com o passado, mas recentemente esse tempo tem demonstrado não mais produzir efeitos simbólicos. O valor do passado é apenas imaginado. Os saudosistas buscam nas suas recordações ancoragens, para entender os efeitos da autoridade, mas acabam não encontrando. Tais desconexões produzem incertezas e um divórcio com a tradição.



Endo (2011) alerta que autoridade e tradição são inseparáveis, contudo, estão sendo escamoteados e redefinidos, ora pela intransmissibilidade, ora pela incapacidade de projetar futuro. No entendimento do autor essa desarticulação é uma forma de violência, pois desativa o sentido de estar no mundo e de preservar os antepassados.

Diante disso, o saber evocado na seara familiar é proveniente de uma enunciação que busca resgatar um lugar, porém, sem êxito. Isso acaba gerando conflitos, uma vez que o casal parental não consegue extrair passagens históricas, as quais são subsídios para educar, gerando uma situação que, por vezes é geradora de violências porque aparece na contemporaneidade como abandono familiar, em síntese, é recorrente os pais nada saberem sobre sua prole. “Os suportes e as referências que dão sustentação subjetiva aos sujeitos encontram-se fragilizadas.” (BACKES, 2011, p. 41).

A referida situação de incapacidade produz estranhamentos, dado que os detentores da tutela familiar não conseguem operar através de um lugar, por isso buscam saberes e demonstram que estão desamparados de sua genealogia. Trata-se de um sintoma atual que incorpora traços dominantes e que aparece em todas as dimensões da vida humana. Seguindo essa trilha, os pais tentam forjar narrativas, seja pela busca de manuais, seja pela interseção de especialistas. A intensidade do problema acaba tomando proporções tais a ponto de um saber ser renegado em face de outro. Aquele que nada sabe abre um hiato e essas lacunas são comuns quando os pais são convocados a educar os seus filhos.

Acontece então que a autoridade paterna é cada vez mais substituída por um saber social. O acento do saber sobre a educação dos filhos é deslocada do parental para o social e institucional, produzindo a emergência de um lugar que saberá qual é o melhor para o bem-estar das crianças e dos jovens do que de seus próprios pais. Esse lugar de saber é representado por professores, psicólogos, assistentes sociais, juízes da infância e da juventude etc. Essa tendência tem se acentuado na contemporaneidade e novas figuras são incorporadas ao controle e ao resgate de uma lei paterna que supostamente falha. (BACKES, 2011, p.38)

Nessa perspectiva, os valores culturais são indispensáveis pois engendram subjetivamente o funcionamento psíquico do sujeito. Ao receber investimentos civilizacionais, o homem firmará um lugar social, projetará escolhas, falará em nome próprio e produzirá novos sentidos para a humanidade. Essas conquistas serão permitidas pela



fundamentação da autoridade, numa lógica que é imprescindível para que os pais possam ocupar-se simbolicamente de seu lugar sem precisar recorrer a projetos fictícios.

Freud (2012) reforça o lugar da autoridade, concebendo-a como transmissora e lapidadora. Nesse sentido, sua principal função é inibir e produzir cortes. Assim dizendo, a cultura é baseada em limites, proibições e renúncias que sintetizam as repressões que os humanos precisam enfrentar para viver socialmente. Hodiernamente, estas repressões estão perdendo seus valores simbólicos. Lembrando que não se trata de desaparecimento, mas de enfraquecimento da transmissão cultural.

A fragilidade da transmissão demonstra que o sentido de educar perde consistência, em virtude de não existir uma assimetria nas relações entre pais e filhos. O deslocamento simbólico da autoridade causa um certo constrangimento, pois o casal parental não consegue exercer suas funções educativas que são relativamente constituintes. Sendo assim, os sujeitos contemporâneos tornam-se órfãos de vínculos e de referências.

Assim, nessa via, os recém-chegados produzem individualmente projetos de mundo sem referendar suas bases simbólicas, ou seja, expressam formas diluídas de enfrentar os entraves constituintes. Tais dificuldades demonstram que o lugar de autoridade é discursivo e sua ação é norteadora da dimensão coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoridade adulta assegura um sentido mais amplo de educação, uma vez que partilha ensinamentos, histórias, cultura e transmite estabilidade. Dessa maneira, educar é acolher e constituir novas formas de estar no mundo. Porém, as narrativas contemporâneas destoam dos discursos estáveis, revelando novas facetas educativas, na qual enfraquecem os vínculos e desautorizam os saberes constituintes. Desta vista, é fundamental que os laços desfeitos entre educadores e recém-chegados seja considerado um obstáculo, pois essas fissuras permitem discussões, reflexões e reposicionamento frente ao ato de educar.



AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPERGS pela concessão da bolsa, à UNIJUI enquanto Universidade promotora da pesquisa, e à orientadora, Dra. Vânia Lisa Fischer Cossetin, pelo tempo, confiança e atenção dedicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. O que é autoridade? In: Arendt, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 127-187

BACKES, Carmen. Um futuro sem origem: transmissão, autoridade e violência. In: Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (ORG). **Autoridade e violência**. Porto Alegre: APPOA, 2011. p. 35-46.

ENDO, Paulo. Um Futuro Sem Origem: transmissão, autoridade e violência. In: Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (ORG). **Autoridade e violência**. Porto Alegre: APPOA, 2011.p. 68- 81

GURSKI, R. Pais ou Mestres? Notas sobre as fronteiras da família e da escola na educação contemporânea. In: GURSKI, R; RODRIGUES, F. (Orgs). **Educação e Função Paterna**. Porto Alegre: Ed. Editora da UFRGS,2008.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu: contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.